

ENQUADRAMENTOS LÚDICO- DRAMÁTICOS NO JORNALISMO: mapas culturais para organizar conflitos políticos

MOTTA, Luiz Gonzaga

Doutor, Jornalista, Professor do Programa de
Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação
da Universidade de Brasília
luizmottaunb@yahoo.com.br

RESUMO

Enquadramentos não são produzidos pelos jornalistas, mas recolhidos por eles da experiência e cultura humanas. Compartidos pelo narrador e leitores, servem para organizar a complexa realidade e estabilizar a “situação de comunicação”. O jornalismo político tende a utilizar enquadramentos dramáticos (narrativos) e lúdicos (metáfora de jogos) enraizados no imaginário da sociedade, porque eles dispõem os conflitos políticos e são facilmente reconhecidos. Os enquadramentos dramáticos são bipolares, instauram ou amplificam hostilidades verbais típicas do jogo político.

Palavras-chave: Enquadramento. Jornalismo. Política.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo argumenta que o enquadramento predominante no jornalismo político é o *frame* dramático (ou narrativo). Esses *frames* não são premissas organizativas originalmente inventadas pelos jornalistas para organizar a complexa realidade política. Antes de serem utilizados pelos jornalistas, os *frames* narrativos se desenvolvem na cultura da sociedade que se organiza naturalmente de maneira narrativa. Os jornalistas se abastecem nessa cultura narrativa para organizar e apresentar a realidade política.

Os jornalistas utilizam *frames* narrativos, porque eles facilitam sua tarefa de enquadrar a complexidade do mundo. Consciente ou inconscientemente, os jornalistas sabem que esses *frames* dramáticos são rapidamente compreendidos pelos receptores que os utilizam freqüentemente no mundo da vida. São, portanto, definidores prévios da *situação de comunicação* que se vai estabelecer. *Frames* de recíproca interação através dos quais os interlocutores tornam possível a comunicação jornalística.

O jornalismo político tende a utilizar os enquadramentos dramáticos lúdicos tipo jogos (guerra, batalha, duelo, luta de boxe, jogos de tabuleiro, quebra-cabeças, dominó, baralho, corrida de cavalos, jogo de xadrez, ciclo do herói e outros), porque esses *frames* culturais enquadram de maneira acessível os enfrentamentos políticos e facilitam a compreensão dos complexos conflitos da política.

Realço aqui a reciprocidade para enfatizar que os enquadramentos utilizados pelos jornalistas e receptores têm origens comuns no mundo da vida, na cultura de ambos. Isso nos leva a inserir a análise dos enquadramentos jornalísticos nos mapas culturais da sociedade que são utilizados na representação e apresentação que instituem a realidade política.

2 A PAZ DO REI: O “COMO SE”

Antes de prosseguir, quero fazer brevemente uma recuperação da teoria original do enquadramento para realçar a reciprocidade cultural. O termo “*frame*” foi introduzido pela etno-antropologia dos micro-episódios do cotidiano desenvolvida por Erwin Goffman (1974), que analisou os modos como os indivíduos organizam o conhecimento nas ações diárias. Ele chamou essa estabilidade necessária às conversações habituais de “paz do rei” (WOLF, 2000, p. 32), uma estabilidade obtida através de um consenso operativo (como se). Nas interações diárias, os interlocutores necessitam constantemente “definir a situação” de comunicação *como se* houvesse acordos efetivos entre as pessoas. “Em presença”, as pessoas projetam uma definição da situação em relação aos interlocutores e aos fins a alcançar, e redefinem constantemente a “situação de comunicação”, que estabiliza a interação social.

As “definições das situações” de comunicação são como mini-armistícios temporários do cotidiano, continuamente renegociados para definir os sentidos da realidade. Há miniconflitos permanentes, reparações e tréguas, que põem em jogo o poder dos interlocutores. Costuma haver um núcleo que procura impor sua versão da situação e gera tensão, mas prevalece quase sempre uma situação de estabilidade.

Goffman queria demonstrar que a vida cotidiana é uma sondagem, um movimento recíproco contínuo de construção e reconstrução de sentidos negociados. Ele defendia que a situação-protótipo da interação cotidiana é a conversação face a face. Todas as demais situações são derivações dessa interação prototípica.

3 FRAMES: ENQUADRAMENTOS INTERATIVOS

É nesse contexto interativo que Goffman (1974), introduz o conceito de *frame*, traduzido por enquadramento.¹ Premissas organizativas das atividades dos atores sociais: definições de situações que se constroem de acordo com princípios que organizam a compreensão dos acontecimentos e nossa implicação com eles. *Frames*, marcos ou enquadramentos constituem os modos através dos quais se cataloga e se vive a experiência da realidade.²

Todos os enquadramentos implicam expectativas de tipo normativo que revelam até que ponto o indivíduo deve estar implicado na atividade organizada pelo frame, observa Wolf (2000, p. 42). Por exemplo, um exercício de salvamento é pouco diferente da operação de salvamento, mas a primeira tem um frame diferente do segundo para quem observa uma ou outra operação: uma é fingimento, a outra é real. E isso faz toda a diferença para quem observa: o envolvimento com o objeto observado é diferente numa e noutra situação.

Goffman (1974) demonstra que *a comunicação é possível por causa dos frames de interação que constituem reciprocamente os sujeitos em pessoas acessíveis*: é nas microrrealidades sociais construídas pela interação que é possível comunicar-se, conclui. Na origem, portanto, o conceito de *frame* não se refere ao ato de enquadrar a realidade por parte de um dos interlocutores apenas. Ao contrário, os *frames* são princípios organizativos compartilhados, fundamentados na cultura, a partir de expectativas recíprocas e comuns.

4 FRAME JORNALÍSTICO: MECANISMO PARA ENQUADRAR ACONTECIMENTOS

O conceito de enquadramento jornalístico se consolidou na literatura especializada incorporado às recentes teorias sobre os efeitos políticos da mídia e do estabelecimento da agenda pública. Essas teorias afirmam que a mídia não apenas *agenda* nossas preocupações, mas também influi sobre *como pensamos* acerca dos temas políticos.

Em um artigo-resumo sobre como a mídia enquadra questões políticas, S. London³ (2005) argumenta que nossa experiência de cada momento é caleidoscópica e difusa. Até que possamos agrupar os itens com base na similaridade, não podemos organizar o momento presente. Esse agrupamento de idéias se realiza através dos enquadramentos (*frames*), um esforço inconsciente dos jornalistas para transmitir as ocorrências selecionadas de uma forma compreensível, tornando as questões políticas inteligíveis para o público.

Nas teorias do jornalismo, há um clássico artigo de G. Tuchman (1993) sobre *framing* como procedimento de transformação de acontecimentos em relatos de acontecimentos (notícias). Segundo Tuchman (que recorre a Goffman), ao utilizar *frames* os jornalistas oferecem definições da realidade social e podem ver o mundo cotidiano desde a ótica das notícias. Para ela, a objetividade do texto jornalístico não impede os enquadramentos narrativos.

Colling (2000) diz que produzir um enquadramento é selecionar alguns aspectos da realidade percebida e dar a eles um destaque maior no texto comunicativo, gerando interpretação, avaliação moral e conclui, citando Entman, que o enquadramento no texto informativo “é a marca do poder”.

5 ENQUADRAMENTO JORNALÍSTICO: VIA DE MÃO ÚNICA?

Entman sistematizou o conceito de *frame* a partir das teorias do jornalismo e da política. Ele define *frame* como o processo de seleção e hierarquização da realidade

social pelos jornalistas em suas práticas de trabalho de maneira a promover interpretação e avaliação das questões (2004, p. 5 e 26). O enquadramento seria parte do processo de reportagem. Um evento, diz ele, ativa paradigmas nas mentes dos jornalistas, estimulando o uso de certas palavras e imagens ressonantes na construção das notícias e encorajando conexões por parte dos públicos. O autor contempla, portanto, os dois lados da questão. Sua teoria do enquadramento pode ser compreendida como um processo cognitivo realizado através do jornalismo.

Entman distingue também o “enquadramento” do termo script. Script seriam regras estandardizadas de processar informações que os jornalistas usam na cobertura de certas categorias de eventos. Para Entman “enquadramento do conflito” ou “enquadramento de interesse humano” não são enquadramentos, mas scripts (2004, p. 26, 29). O enquadramento promove interpretações que conduz a avaliações (valores), enquanto o script promove apenas certo tipo de texto (estilo).

Para explicar seus argumentos, Entman elabora um modelo de enquadramento que batiza de “ativação em cascata”. Esse modelo demonstra como os pensamentos fluem através de vários níveis hierárquicos do processo informativo, incluindo os seguintes nós:

- a) gestores públicos;
- b) outras elites;
- c) organizações da mídia;
- d) os textos produzidos e seus enquadramentos;
- e) o público.

Nessa metáfora da cascata, as informações fluem gradualmente através de conversas e idéias onde cada grupo procura influenciar o outro, não sendo usualmente fácil determinar quem influencia quem.

6 TEORIAS DO ENQUADRAMENTO JORNALÍSTICO: UM SÓ LADO DA HISTÓRIA

Os estudos do enquadramento jornalístico salientam a ação dos jornalistas para organizar a realidade política de forma compreensível para si próprios e para o público. No esforço de demonstrar isso, os analistas tendem a concentrar a atenção na perspectiva dos jornalistas e suas operações semânticas para enquadrar a complexidade do mundo. Embora não ignorem o caráter cultural dos *frames*, os analistas dão ênfase aos processos de produção da notícia, subestimando o compartilhamento cultural que inspirou originalmente as teorias do enquadramento.

Quero recordar que os enquadramentos surgem da *reciprocidade das expectativas* entre os interlocutores do ato de comunicação. Nos micro-episódios do

cotidiano, os interlocutores reciclam e adaptam constantemente suas expectativas em função dos objetivos de cada situação de comunicação, e estabelecem reciprocamente a “paz do rei”, a estabilidade cooperativa necessária para que as interações diárias resultem em sentidos compreensíveis em função dos fins a alcançar. *Frames*, na origem da teoria, são princípios organizativos culturalmente compartilhados.

Na comunicação jornalística, essa reciprocidade entre os interlocutores é mais débil que na comunicação face a face na medida em que transmite formas simbólicas para uma pluralidade de destinatários. A mediação de meios tecnológicos amplifica o distanciamento espaço-temporal e estabelece uma dissociação entre produção e recepção. Prevalece uma assimetria entre parceiros desiguais na medida em que o fluxo transcorre predominantemente em um único sentido. Cria-se o que Thompson (1998) chama de “mundaneidade mediada”, uma compreensão do mundo realizada através de uma mediação de conteúdos mediados.

Isso não significa, porém, que não haja uma “definição de situação” na comunicação midiática. A recepção da comunicação jornalística é uma prática simbólica rotineira que ocorre em contextos sócio-históricos, onde os receptores reelaboram as mensagens, ainda quando têm mínimo ou quase nenhum controle sobre os seus conteúdos. A recepção das notícias é uma prática hermenêutica, como observa Thompson, implica certo grau de interpretação através do qual os produtos da mídia adquirem sentidos na interação com as pressuposições e expectativas dos receptores.

Essa perspectiva parece-nos diferente daquela de Entman, que utiliza o termo enquadramento para os processos de produção do texto e o termo “esquema” para os processos mentais dos receptores, sugerindo uma diferença entre os dois lados. Essa visão perde de vista que produção e recepção se realizam na cultura, fonte em que se abastecem ambos, jornalistas e leitores, ao estabelecerem pactos de conversação jornalística.

Na comunicação jornalística, a reciprocidade começa nos aspectos sensíveis que estabelecem as pré-condições da interação entre os interlocutores e cria o hábito de ler, ver ou ouvir notícias. Utilizando-se da semiótica de situações, Oliveira (2006), por exemplo, trata a interação jornal-leitor como uma experiência sensível que estabelece uma reciprocidade entre dois sujeitos ativos. O plano de expressão sensível estabelece as pré-condições para a interatividade no plano do conteúdo (o “contrato” de adesão). A aparência plástica do jornal (modo de disposição do material), o seu arranjo e ritmo estéticos aprazem o leitor, despertam seu interesse. Assim, o leitor se identifica com o seu jornal tornando o hábito cotidiano de leitura um “encontro marcado”.

Essas pré-condições de interação no plano da expressão consolidam-se no plano dos conteúdos, onde um pacto implícito produz a estabilidade que torna possível a comunicação eficiente. O “contrato” cognitivo jornal-leitor é o da comunicação da verdade, de forma efetiva e econômica (a linguagem objetiva), que realiza o efeito de real. Uma pré-disposição negociada de re-criação constante do mundo real verdadeiro. Reproduz-se na comunidade jornalistas-leitores uma convenção em que emissores e destinatários dão por convencionado que o jornalismo é o lugar natural da objetividade e da verdade e que torna possível e eficiente a comunicação jornalística, como argumentei anteriormente (MOTTA, 2004, p. 127). Nessa situação de interatividade, ambos interlocutores se valem de *frames* culturais para organizar o conhecimento da realidade. Esses marcos, vou argumentar, são narrativos e pertencem à cultura.

7 ESTADOS SUTIS DE DRAMATISMO: ORGANIZAR NARRATIVAMENTE A REALIDADE

Os conceitos da chamada Segunda Revolução Cognitiva fornecem os fundamentos para uma teoria do enquadramento narrativo que queremos desenvolver. J. Bruner (1990), dessa corrente, argumenta que em toda cultura há uma psicologia popular intuitiva, um senso comum cujo princípio organizador é narrativo (e não conceitual): descrições mais ou menos normativas de como funcionam o homem e a sociedade.

Essa psicologia popular, porém, não se limita a definir como as coisas são; ela também estabelece como as coisas deveriam ser. Isso cria o que ele chama de *estados sutis de dramatismo* que informam uma estrutura narrativa na psicologia popular. É por isso que o homem tem uma propensão a organizar suas experiências de maneira narrativa, mediante a estrutura de dramas. O drama imita continuamente a vida e a vida imita o drama. O drama imita a vida em ação, mas elaborando-a, corrigindo-a, melhorando-a.

Por causa dessa canonicidade, diz Bruner (1990, p. 60-61), a cultura de uma sociedade concentra uma capacidade de resolver conflitos e negociar os significados comunitários. Isso ocorre graças ao aparato narrativo de que dispomos para fazer frente ao canônico e ao excepcional. O dramatismo concentra-se nos desvios, nos conflitos e nas transgressões. Histórias se relacionam necessariamente com o que é moralmente sancionado e apropriado. Assim, as narrativas mediam entre o mundo canônico e o mundo das crenças, desejos e esperanças. São, portanto, as formas narrativas que instituem e organizam a experiência e a realidade humanas.

Bruner (1990, p. 68) conclui que a maneira típica de demarcar a experiência é a *modalidade narrativa*: o que não se estrutura de maneira narrativa perde-se na memória. O homem elabora continuamente marcos narrativos que lhe proporcionam

uma maneira de viver suas experiências e de organizar a realidade, porque esses esquemas se adaptam fácil e naturalmente às nossas representações do mundo, diz ele. Portanto, a disposição protolingüística primitiva e inata do homem para narrar é o que nos equipa com novos modelos narrativos.

K. Gergen (1996, p. 232) diz que nossas vidas são acontecimentos narrativos e os relatos são formas de dar conta dessa potencialidade narrativa. As exposições narrativas, diz ele, estão incrustadas na ação social, fazem com que os acontecimentos sejam socialmente visíveis e estabelecem expectativas para acontecimentos futuros. Como os acontecimentos da vida cotidiana estão imersos na narração, vão se carregando de sentidos relatados: adquirem a realidade de um princípio, de um clímax e de um final, e assim sucessivamente. As pessoas vivem os acontecimentos desse modo e os classificam precisamente assim.

Tese é semelhante à de P. Ricoeur (1994) que diz que as narrativas mediam entre um estágio da experiência que precede e outro que sucede. A tessitura da intriga media entre aspectos temporais prefigurados no campo prático e na refiguração (na recepção) da nossa experiência temporal. A composição da história está enraizada numa pré-compreensão do mundo e da ação, de suas estruturas inteligíveis, de suas fontes simbólicas e de seu caráter temporal. Compreender uma história, diz ele, é compreender ao mesmo tempo a linguagem do fazer e a tradição cultural da qual procede a tipologia das intrigas. Seguir uma história, conclui, é avançar na contingência sob a conduta de uma espera que encontra sua realização na conclusão. A conclusão, porém, não é o final da intriga; é a síntese entre o tempo linear da história e sua dimensão configurante que transforma a sucessão de eventos em uma totalidade significativa.

A Psicanálise fornece o conceito de *script* (que Entman descarta) para completar nosso raciocínio sobre o dramatismo natural e a percepção narrativa da vida pelas pessoas e culturas humanas. Na análise transacional de Eric Berne (1974), *scripts* são plano-matrizes recorrentes originários dos mitos e lendas que as pessoas incorporam, projetam e representam. Crema, discípulo de Berne, ampliou o significado de *script* para uma descrição do mundo que influencia as experiências das pessoas, “constituído uma singular lente através da qual ela percebe, indiretamente, a realidade”.⁴ Os scripts constituem, portanto, representações psicológicas pré-dramáticas que induzem naturalmente os indivíduos a estruturar a realidade de forma narrativa.

8 FRAMES NARRATIVOS: ENSINAM SEM SEREM DIDÁTICOS

Creio ter reunido suficientes argumentos para deduzir que jornalistas e públicos procuram organizar a realidade narrativamente como histórias sucessivas que se interpõem umas às outras, buscando uma conclusão (nem sempre possível) para cada estória. Os jornalistas não fazem isso conscientemente ou porque gostam, mas porque essa é a forma que lhes facilita acercar-se da realidade, torná-la compreensível para si próprios e organizar a complexidade do mundo para seus leitores. Incontáveis histórias superpostas se abrem e se desenvolvem difusamente nas páginas dos jornais ou telejornais, convertendo-se gradualmente em realidades.

A consciência humana é um fluxo contínuo no tempo e encontra nos jornais ou telejornais diários flashes fragmentados e justapostos que apenas informam que há um processo em marcha, mas jornalistas e receptores estão continuamente procurando os enquadramentos dramáticos (narrativos) que ordenem o caos, estabeleçam ordens temporais, causas e conseqüências, antecedentes e conseqüentes, sínteses que tornem as histórias compreensíveis. Para mim, o jornalismo é uma teia de narrativas entrelaçadas que pontua o nosso tempo, espaço e vida pessoal; ordena o presente, institui o passado e o futuro que progressivamente vão assumindo a forma de realidade tangível.

Defendo, portanto, que o enquadramento predominante na mídia é o enquadramento dramático (narrativo); um *frame* enraizado na sociedade e na cultura: ordenador, prático, fácil, compreensível. Ele é a forma natural de jornalistas e públicos perceberem a si mesmos e aos outros, de enquadrarem compreensivelmente o transcorrer das coisas e da política. Por isso os jornalistas recorrem freqüentemente às metáforas dos jogos para relatar a complexidade da política. Os jogos introduzem uma ordem na confusão da vida; como diz J. Huizinga (1993, p. 13): o jogo “cria ordem e é ordem”.

Mas não apenas por isso. Também porque ele permite, sendo objetivo, revelar, amplificar ou instituir conflitos, tensões, clímax; heróis e vilões; bons e maus homens, como na literatura. São *frames* culturais e por isso ensinam sem serem didáticos. Narrar não é só um contar uma história, é uma atitude argumentativa, um dispositivo estratégico persuasivo de linguagem que produz efeitos cognitivos. É uma forma de dar significação à vida humana. (MOTTA, 2005 e 2007).

9 CONFLITOS ANTITÉTICOS AGONÍSTICOS

O que é o enquadramento dramático no jornalismo? Um enquadramento bipolar, antitético (oposição por contrariedade). Antitético não apenas no sentido programático

(ideológico): “um lado versus o outro lado”, mas, principalmente, na colocação sucessiva dos sujeitos como opositores uns aos outros (independente, às vezes, de suas posições ideológicas), construindo (ou reforçando) os conflitos, quaisquer conflitos: a bipolaridade antagônica entre as personagens da “política em página ou tela”. Não afirmo que o jornalismo só faz incitar oposições, mas que ele faz isso predominantemente, que essa forma jornalística de ver o mundo contamina toda a cobertura e institui a política contemporânea.

Ao captar o mundo, os jornalistas estabelecem relações entre os sujeitos, criam seqüências integradas para dar sentido à complexa realidade política. Estabelecem antagonismos agonísticos, enredos dramáticos porque assim é constituído o campo da política, espaço de tensões permanentes. O enquadramento dramático é a forma natural que jornalistas utilizam para apresentar e constituir a realidade política (nunca integralmente, claro). Para isso, utilizam freqüentemente as metáforas de jogos. A tensão lúdica dos jogos traduz de maneira pedagógica as adversidades das competições políticas. O instinto de competição do jogo, próprio também da política, está enraizado na cultura e o leitor depreende facilmente as relações de enfrentamentos, alianças, vitórias e derrotas.

Os jornalistas nos apresentam a realidade política como um campo em conflito, um mundo bipolar de hostilidades sucessivas. Isso interessa ao jornalismo, que depende da audiência, que precisa seduzir, capturar a atenção. Por isso instiga o conflito, traz as personagens políticas para a arena, convoca-as em acusações e respostas sucessivas. Se há oposições latentes na política, o jornalismo as promove, se não as há, ele as incita. Alimenta o confronto em sucessivas afirmações e desmentidos das fontes, promove hostilidades, exacerba os conflitos. Precisa do dramático porque ele atrai e enquadra: põe o contraditório, os protagonistas e seus antagonistas, os heróis e vilões em cena.

Nesse sentido, as narrativas jornalistas não são apenas representações, mas apresentações da realidade. Elas não representam apenas; elas apresentam o mundo, produzem sentido ao combinar associativamente as relações: “Uma narrativa é uma apresentação em desenvolvimento, e é enquanto tal que ela constitui o meio de que dispomos para atender a uma série de acontecimentos” (PRADO, *apud* MENDES, 2001, p. 191).⁵ J. Huizinga (1993, p. 18) traz um ponto de vista semelhante em relação aos jogos. Um drama é uma ação representada, mas é mais do que isso, produz um efeito de identificação com as ações e uma participação nelas, “um fator *helping in the action out*”.

10 ENQUADRAMENTOS DRAMÁTICOS DA POLÍTICA

A história do presente se faz através de sucessivos acontecimentos jornalísticos. Nomeados, batizados, os acontecimentos integram os fragmentos de significação das notícias diárias em totalidades significativas, histórias dramáticas superpostas mais ou menos acabadas. Os eventos políticos dia a dia relatados estão imersos em narrativas maiores que os recobrem de novas significações. Nessas narrativas maiores, a realidade fragmentada vai sucessivamente adquirindo novos princípios, clímax e desfechos de histórias que se encaixam. É assim que os jornalistas buscam ordenar a complexidade e os receptores, compreender o fluxo das coisas do mundo através do jornalismo. A vida se transforma em arte e a arte se converte no veículo através do qual a realidade se torna inteligível. (MOTTA, 2003 e 2005)

A teoria do enquadramento dramático que defendo sugere uma análise do acontecimento político enquanto unidade narrativa co-construída na relação de comunicação. Pode e deve utilizar as categorias da narratologia literária (personagens, seqüências-tipo, enredo, analepses, etc.). Deve-se preferir, porém, a análise dos atos de fala, da retórica, da relação pragmática entre os interlocutores da comunicação jornalística. Essa atitude epistemológica orienta necessariamente a observação para a co-construção de sentidos e põe a análise no campo da cultura. Proceder simultaneamente nas inter-relações entre os planos da expressão e dos conteúdos, (do discurso e da história), para chegar ao plano da estrutura profunda ou metanarrativas político-ideológicas.

ESCÂNDALOS EM SÉRIE: 'A crise política não tem afetado em nada. Estamos trabalhando do mesmo jeito', diz Furlan

Fiesp: crise não pode contaminar a economia

'A classe empresarial não vai admitir que outras pessoas queiram tirar proveito político dessa situação', diz Skaf

Crise vive e Elano Oliveira

BRASÍLIA. O presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Paulo Skaf, saiu ontem em defesa do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e pediu compreensão aos parlamentares para que a crise política não contamine a economia brasileira. Skaf disse que os empresários estão se tratando pessoalmente com a possibilidade de contato e diálogo que conduza a uma reconciliação rápida e a um retorno ao trabalho em condições de respeito ao presidente da República, como alguns poucos políticos conseguiram conseguir. «A classe empresarial não vai aceitar o acobertamento de irregularidades e ilegalidades que tenham que ocorrer por causa dessa situação. Tem que haver punições aos responsáveis e não ao desrespeito ao executivo — afirma. A presidente da Fiesp, que participou do encontro empresarial do aeroporto de Inácio, César da Silva e Paquetão Tavares.

Paulo Skaf disse que, de acordo com a Fiesp, o Prêmio Interno (PI) de 2007 já começou uma redução na indústria. Agora, acrescentou, aumentará a desconfiança em áreas públicas, o que pode levar a uma retração na indústria.

Furlan: "Estamos trabalhando"

«A situação de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Luiz Fernando Furlan, afirma que a crise política não está afetando a agenda econômica. Segundo ele, a agenda de ações, especialmente, as novas investimentos.

«A crise política não tem afetado em nada. Estamos trabalhando do mesmo jeito — disse o ministro.

Heri Homede, Furlan chegou a fazer várias brincadeiras ao falar sobre inovação industrial e uma parcela de pesquisadores da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) em entrevista no Hotel do Planalto duas horas depois da presidente da lista, Gláucia Atilio, elegem a grande do ministro.

«Que graça chate, ministro — comentou Atilio.

«Foi um momento histórico de crise não foi para comemorar graças — afirmou, provocando risos em seus interlocutores.

O ministro Luiz Fernando Furlan também se convenceu ainda ontem com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva sobre a necessidade de o Brasil expandir o universo de empresas que investem em inovação tecnológica.

«O presidente não sempre diz que precisamos nos tornar um país desenvolvido, e isso só pode ser atingido — disse o ministro. »

A cronologia da crise

14 de maio • Terça-feira greve por setores empresariais, o acórdão do Departamento de Contratação e Administração do Material dos Correios. **Manoel Máximo** revela um esquema de corrupção no estado, que será reaberto pelo presidente do PT, deputado **Roberto Jefferson**. Outros nomes no Rio receberam R\$ 5 mil de pensão por intercessão para processos de licitação, o sistema que age em nome do PT.

• O então diretor de Administração, **Antônio Osório Batista**, um candidato do PT de Brasília, a cidade, nas eleições presidenciais pela revista "Veja", assim como seu pai, **Fernando Godoy**.

15 de maio • A oposição exige investigação do Conselho de Ética da Câmara e do Ministério Público.

16 de maio • A oposição já fez em nome a CPI dos Correios para investigar os envolvidos. **Antônio Osório Batista** e **Fernando Godoy** pedem afastamento de seus cargos nos Correios; **Máximo** já dirigiu dois ministros nome na publicação da denúncia.

• Polícia Federal está realizando ações paralelas nos Correios e Controladora da União acerca a investigação.

17 de maio • **Roberto Jefferson** pede renúncia do PT no governo à disposição.

• Lula se recusa com Jefferson. «Um ministro se recusa com seu pai», disse o presidente.

• A oposição diz já ter as evidências necessárias para a criação de CPI.

18 de maio • O governo faz proposta para transferir a CPI, mas deputados e senadores pedem a União a não se envolver com o pagamento pelo criação de comissão.

21 de maio • A revista "Veja" publica outra denúncia envolvendo Jefferson e economista **Lúcio Duarte**, que não são indicados pelo PT para a presidência do Instituto de Pesquisas Econômicas (IPE), feita pelo da denúncia porque não agilizou o processo do partido, com uma proposta de R\$ 400 mil por mês, a cargo da comissão de guerra **Antônio Henrique Mendes**, amigo de Jefferson, «está o lado da denúncia».

22 de maio • A Lula do viajar para a Ásia. Luiz Inácio Lula da Silva, ministro da Justiça, **Marcelo Thomas Dias**, pede para a Polícia Federal na investigação dos envolvidos.

23 de maio • No momento de entrega de requerimento da CPI no Congresso, o PT faz uma declaração de apoio para obter resultados nos Correios, apela e delega a investigação.

• **Manoel Máximo** agenda e solicita de Lula, sobre o documento, se pode dos Correios e em oportunidade e solicita das ao Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (SECEX), **Antônio Osório**, **Manoel Máximo** e **Fernando Godoy**.

24 de maio • O PT recebe 13 assinaturas, inclusive de **Roberto Jefferson**, do requerimento da CPI dos Correios. Osou e assinou nos outros dois cargos que ocupa no governo nacional.

• **Manoel Máximo** deixa de ir a Brasília com comissão para CPI.

25 de maio • O PT recebe 13 assinaturas, inclusive de **Roberto Jefferson**, do requerimento da CPI dos Correios. Osou e assinou nos outros dois cargos que ocupa no governo nacional.

• **Manoel Máximo** deixa de ir a Brasília com comissão para CPI.

01 de junho • O PT começa a levar no afastamento de Jefferson do ministério do partido.

• A PT não hesita para aceitar também o acórdão no IRB e a criação do presidente **Lúcio Duarte**.

02 de junho • Lula dá o voto e paga 100 milhões de reais em benefício de empresa de R\$ 400 mil mensais.

03 de maio • Uma empresa confirma que **Manoel Máximo** cobrou gratificação nos Correios.

05 de junho • **Roberto Jefferson** se entrega a Polícia de São Paulo e acusa o acórdão do PT, **Delcídia Soares**, de dar medida — o momento — de R\$ 30 mil a parlamentares de PL e PP, partidos da base aliada, em uma de suas petições ao governo federal. Jefferson diz ter sido obrigado a praticar a falta de autoridade do ministro no final desse ano e que os ministros **Manoel Máximo**, **Marcelo Dias**, **Adão Rebelo** e **José Dirceu** do chefe de gabinete de Lula, **Gilberto Carratini**, foram envolvidos nessa e outras.

06 de junho • O ministro da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (SECEX), **Antônio Osório**, pede a criação de comissão para investigar o esquema de corrupção no estado, que será reaberto pelo presidente do PT, deputado **Roberto Jefferson**.

• Em discurso, Lula diz que levará as investigações sobre corrupção no governo ao Congresso em 15 dias de tempo.

• **Manoel Máximo** desiste de ir a Brasília com comissão para CPI.

• **Manoel Máximo** desiste de ir a Brasília com comissão para CPI.

07 de junho • O governo decide de impedir o trabalho de CPI dos Correios mas tenta impedir que a investigação se estenda a outros setores e ao ministério.

• Em discurso, Lula diz que levará as investigações sobre corrupção no governo ao Congresso em 15 dias de tempo.

• **Manoel Máximo** desiste de ir a Brasília com comissão para CPI.

• **Manoel Máximo** desiste de ir a Brasília com comissão para CPI.

08 de junho • **Delcídia Soares**, que virou sendo mentido durante do processo pelo PT, dá entrevista e paga o mensalidade, mas recusa a criação de comissão para investigar o esquema de corrupção no estado, que será reaberto pelo presidente do PT, deputado **Roberto Jefferson** e diz que tem medo do ministério.

OPINIÃO

SABOTAGEM

• TODOS DEVEM preocupar-se com o risco de a crise política contaminar a economia. Mas para que isso aconteça é necessário que as investigações dos envolvidos sejam eficientes, rápidas e robustas.

• O contrário, na qualquer perspectiva de honestidade da situação, que tente criar obstáculos à CPI ou a qualquer outro mecanismo de investigação, é um pagamento de suposto trabalho a favor dessa contaminação.

Figura 1 - Representação da política por meio de jogo de tabuleiro

Na observação da comunicação jornalística, sugiro que o eixo da análise gire em torno do conflito político (o discordante no dizer de P. Ricoeur), elemento estruturador da diegese. Conflitos diegéticos são aqueles que estruturam as relações, mantêm tensões e retardamentos narrativos e respondem a perguntas do tipo o que vai acontecer, quem vencerá e perderá, que conquistas, negociações serão feitas, etc. A compreensão do conflito político revela os objetos desejados e rechaçados (poder, vitória, derrota, etc.), identifica as posições e papéis das personagens políticas e suas ações.

ESCÂNDALOS EM SÉRIE: *Corrupção nos Correios e mensalão provocaram a mais grave crise enfrentada pelo governo*

O jogo da CPI: cronologia da crise

14 • Em 14 de maio, o ministro da Justiça, Roberto Jefferson, e o chefe do Departamento de Inteligência e Administração de Materiais dos Correios, Maurício Maranhão, revelam um esquema de corrupção na estatal, que soma um milhão por Jefferson. Maranhão assina na sua residência R\$ 3 mil de um empréstimo interessado num processo de Inteligência e alguns que são em nome do PTB.

15 • O ex-vice-chefe de Jefferson, Antônio Octávio Batista, secretário do PTB da Bahia, é eleito nas eleições municipais pelo partido "Voto", assim como seu assessor, Fernando Godoy.

16 • A oposição à falta de transparência da CPI dos Correios para investigar os envolvidos.

17 • Roberto Jefferson pede licença do PTB ao governo à disposição.

18 • O governo faz pressão para impedir a CPI, mas deputados e senadores pedem e a Justiça ordena a sua realização pela criação do comitê.

19 • O PTB começa a falar no afastamento de Jefferson do Conselho do partido.

20 • O PTB começa a falar no afastamento de Jefferson do Conselho do partido.

21 • A revista "Veja" publica carta de denúncia sobre o envio de Jefferson e o economista Lúcio Dória, que havia sido indicado pelo PTB para a presidência do Instituto de Investigação do Brasil (IPIB), órgão de inteligência criado em agosto de 2008, com o objetivo de investigar o esquema de corrupção dos Correios.

22 • A revista "Veja" publica carta de denúncia sobre o envio de Jefferson e o economista Lúcio Dória, que havia sido indicado pelo PTB para a presidência do Instituto de Investigação do Brasil (IPIB), órgão de inteligência criado em agosto de 2008, com o objetivo de investigar o esquema de corrupção dos Correios.

23 • A revista "Veja" publica carta de denúncia sobre o envio de Jefferson e o economista Lúcio Dória, que havia sido indicado pelo PTB para a presidência do Instituto de Investigação do Brasil (IPIB), órgão de inteligência criado em agosto de 2008, com o objetivo de investigar o esquema de corrupção dos Correios.

24 • O PTB volta a ser alvo de críticas por não ter informado de imediato a abertura do processo de investigação dos Correios. Não se sabe se o partido abriu um processo de investigação.

25 • A decisão da Polícia Federal de instalar a CPI dos Correios é criada. O governo tenta impedir a criação da comissão de investigação dos Correios, mas a Polícia Federal decide instalar a comissão.

26 • O caso das mensalidades é CPI em curso no PT, que já começa a investigar os envolvidos.

27 • O caso das mensalidades é CPI em curso no PT, que já começa a investigar os envolvidos.

28 • O caso das mensalidades é CPI em curso no PT, que já começa a investigar os envolvidos.

1º • O PTB começa a falar no afastamento de Jefferson do Conselho do partido.

3 • O PTB começa a falar no afastamento de Jefferson do Conselho do partido.

5 de junho

6 • O PTB começa a falar no afastamento de Jefferson do Conselho do partido.

7 • O PTB começa a falar no afastamento de Jefferson do Conselho do partido.

8 • O PTB começa a falar no afastamento de Jefferson do Conselho do partido.

9 de junho

10 • O PTB começa a falar no afastamento de Jefferson do Conselho do partido.

11 • O PTB começa a falar no afastamento de Jefferson do Conselho do partido.

12 • O PTB começa a falar no afastamento de Jefferson do Conselho do partido.

13 • O PTB começa a falar no afastamento de Jefferson do Conselho do partido.

14 • O PTB começa a falar no afastamento de Jefferson do Conselho do partido.

15 • O PTB começa a falar no afastamento de Jefferson do Conselho do partido.

16 • O PTB começa a falar no afastamento de Jefferson do Conselho do partido.

17 • O PTB começa a falar no afastamento de Jefferson do Conselho do partido.

18 • O PTB começa a falar no afastamento de Jefferson do Conselho do partido.

19 • O PTB começa a falar no afastamento de Jefferson do Conselho do partido.

20 • O PTB começa a falar no afastamento de Jefferson do Conselho do partido.

21 • O PTB começa a falar no afastamento de Jefferson do Conselho do partido.

22 • O PTB começa a falar no afastamento de Jefferson do Conselho do partido.

23 • O PTB começa a falar no afastamento de Jefferson do Conselho do partido.

24 • O PTB começa a falar no afastamento de Jefferson do Conselho do partido.

25 • O PTB começa a falar no afastamento de Jefferson do Conselho do partido.

26 • O PTB começa a falar no afastamento de Jefferson do Conselho do partido.

27 • O PTB começa a falar no afastamento de Jefferson do Conselho do partido.

28 • O PTB começa a falar no afastamento de Jefferson do Conselho do partido.

Figura 2 - Representação da política por meio dos jogos de dados e dominó

11 ENQUADRAMENTOS DRAMÁTICOS LÚDICOS EM OPERAÇÃO

Os enquadramentos narrativos utilizados pelo jornalismo são inúmeros e infundáveis. Podem estar vinculados ao senso comum, mitos, jogos, fábulas e se revelar de maneira mais ou menos clara na linguagem do jornalismo cotidiano. Só a observação empírica pode indicar até onde a linguagem objetiva derrapa para planos alegóricos ou simbólicos, em cada situação. Restringir-me-ei a exemplos de enquadramentos dramáticos lúdicos pela frequência com que aparecem nos jornais e também porque os jogos, como argumenta J. Huizinga (1993), são manifestações culturais profundamente enraizados na cultura humana. Esses *frames* metafóricos permitem, assim, observar a reciprocidade cultural que estabiliza a situação da comunicação jornalística.

Na análise da cobertura de acontecimentos políticos brasileiros, tenho encontrado enquadramentos dramáticos retirados da cultura dos jogos. Eles costumam ilustrar notícias pontuais ou prevalecer na cobertura de um acontecimento prolongado. Enquanto categorias de análise, esses *frames* precisam ainda ser refinados através da observação empírica. A meu ver, eles podem ser úteis na interpretação dos acontecimentos jornalísticos.

Tipos de enquadramentos dramáticos lúdicos identificados nas páginas dos jornais:

***Guerra:** enquadramento onde predomina uma idéia temática de luta entre as forças do bem e do mal, destruição do adversário, relato de ações em combates, guerreiros, cólera e rancor, ataque e defesa, exército inimigo ou aliado, vitórias, ocupação, derrotas, concessões, negociações, acordos, espião, embaixador, etc.

***Jogo de xadrez** (aparecem também outros jogos de tabuleiro): enquadramento onde predomina uma idéia temática do jogo de xadrez e de seu tabuleiro, a supremacia estratégica de um sobre o outro, jogo que põe em ação a inteligência e a sabedoria; o tabuleiro como representação do mundo e das disputas políticas, de ações estratégias e táticas, movimentos de peças, avanços, recuos, xeques-mates, vitória, etc.

***Jogos esportivos:** enquadramento onde predomina uma idéia temática de oposição de um campo a outro, disputa entre poderes polarizados, competição contra forças adversárias, jogo contra o medo e a fraqueza; time, equipes, interesses antagônicos; o respeito às regras do jogo e o exercício da liberdade e da astúcia;

oportunidades e risco, destreza e habilidades individuais, sorte e azar; empate, vitória ou derrota final, etc.

*Corrida de cavalo/carro: enquadramento onde predomina idéia-força temática de quem chega primeiro, quem alcança o final de maneira mais rápida ultrapassando adversários e deixando-os para trás, impetuosidade do desejo, valorização da rapidez, da velocidade, da dianteira frente aos adversários, liderança e distanciamento, superação de obstáculos e adversidades para permanecer na frente, etc.

*Quebra-cabeças: enquadramento onde predomina uma idéia temática tipo complicação e impasse, procura de encaixe de peças, emaranhado de possibilidades (semelhança com o labirinto), combinação de partes, objetivo de procurar à união dos fragmentos para se chegar à totalidade, ao sentido e à compreensão.

DEPOIS DO VENDAVAL: Considerando apenas entradas registradas, média foi de uma visita do mineiro a cada 13 dias

Marcos Valério foi 12 vezes ao prédio do PT este ano

Publicitário acusado de ligação com Delúbio Soares esteve no prédio pela última vez há duas semanas, já na crise

Rodrigo Rangel

BRASILIA Um dos personagens centrais das denúncias de corrupção no governo, ao PT e na Câmara, o publicitário mineiro Marcos Valério Fernandes de Souza esteve, só este ano, pelo menos 12 vezes no prédio que funciona o escritório nacional do PT em Brasília. Segundo o sistema eletrônico que controla a entrada de visitantes no prédio, cinco registros identificam como destino do empresário o escritório do PT. A última visita foi há duas semanas, já no meio da crise.

Há mais oito entradas de Valério no prédio, mas essas registros não informam a data das visitas e o andar onde ele esteve. Só as agências DNA Propaganda e SMP&B, que tem contas de estatais como Correios e Eletrobrás, do Ministério dos Esportes e da Câmara dos Deputados, Marcos Valério é apontado pelo presidente do PTB, Roberto Jefferson, como operador de um suposto caixa dois constituído pelo tesoureiro do PT Delúbio Soares. O publicitário seria, diz Jefferson, um dos responsáveis pelo pagamento do mensalidade de deputados do PP e do PL.

Na maioria dos registros, o nome do publicitário aparece completo: Marcos Valério Fernandes de Souza. Em todos figu-

ra o número que seria de sua carteira de identidade. A última visita registrada foi em 31 de maio. Considerando só as visitas registradas, ele esteve uma vez a cada 13 dias no prédio.

Direção do PT não soube informar motivo das visitas

Nas cinco entradas de Marcos Valério com data registrada há informação sobre o destino do publicitário: o escritório do PT. Três visitas foram em abril, nos dias 5, 13 e 15. Antes, Marcos Valério esteve no escritório em 25 de fevereiro. Não há referências ao nome de quem o recebeu nem de quem autorizou sua entrada. Mas nos registros de 6 e 10 de abril consta a observação de que ele participaria de reuniões na sala do PT.

Nos registros sem data aparece só o nome Marcos Valério, com o mesmo número de identificação. O sistema tem só entradas deste ano. Não há registro do registro da qual Jefferson disse ter participado em 2004 para tratar de recursos para o PTB.

O escritório do PT fica no 7º andar de um dos quatro blocos do Centro Empresarial Varig, no Centro de Brasília. Procurada pelo GLOBO, a direção nacional do PT informou que não teria como dizer, contudo, o motivo das visitas de Marcos Valério ao escritório. A assessoria do partido também não respondeu.



FERNANDA KARINA: em depoimento, secretária negou acusações

Peças que se encaixam

CORREIOS
No estado carioca e suspeito de esbaldar, depois da publicação de uma lista de nomes em que o chefe de departamento de contratação da Administração de Correios e Telégrafos, Marcos Valério aparece no topo da lista de funcionários que seguiu em frente ao presidente do PTB, Roberto Jefferson, mas depois negou qualquer ligação.

IRB
Denúncia de que houve um contrato de R\$ 400 mil no PTB, partido responsável pela aquisição de direitos de mídia.

FABRIQUINHAS
Denúncia de que, com o IRB, o PTB estaria lucrando com a venda de produtos que indicam a filiação, com o nome do partido em garrafas, adesivos e outros.

ROBERTO JEFFERSON
Alcance de controle por o presidente do partido nos Correios e na IRB, o presidente do PTB nega qualquer ligação e em depoimento na Câmara da Câmara, Jefferson teria se comprometido a ser o presidente do PTB e do PL, para que ele se tornasse o segundo vice do Congresso.

MENSALÃO
Jefferson acusa seis deputados de receberem mensalidade de R\$ 20 mil por mês, mas que o partido não tem dinheiro para pagar. Jefferson diz que os deputados não pagam mensalidade e que os deputados não pagam mensalidade.

CRIME ELEITORAL
Jefferson acusa seis deputados de receberem mensalidade de R\$ 20 mil por mês, mas que o partido não tem dinheiro para pagar. Jefferson diz que os deputados não pagam mensalidade e que os deputados não pagam mensalidade.

A DEPUTADA
Rogério Bontade, chefe de gabinete de Jefferson, diz que ele não tem dinheiro para pagar mensalidade e que os deputados não pagam mensalidade.

O MINISTRO
Paulo Sérgio, chefe de gabinete de Jefferson, diz que ele não tem dinheiro para pagar mensalidade e que os deputados não pagam mensalidade.

O LÍDER PARTIDÁRIO
Roberto Jefferson, chefe de gabinete de Jefferson, diz que ele não tem dinheiro para pagar mensalidade e que os deputados não pagam mensalidade.

O PUBLICITÁRIO
Marcos Valério, chefe de gabinete de Jefferson, diz que ele não tem dinheiro para pagar mensalidade e que os deputados não pagam mensalidade.

A EX-SECRETÁRIA
Fernanda Karina, chefe de gabinete de Jefferson, diz que ela não tem dinheiro para pagar mensalidade e que os deputados não pagam mensalidade.

Figura 3 - Representação política por meio de um Quebra-cabeça

***Ciclo do herói:** enquadramento onde predomina uma idéia-força da aventura de um herói e seu ciclo: a chamada da aventura, estágio de provas e tentações, bravura, honra, sacrifícios; combate às forças do mal, derrota e ajuda de algum ente ou força auxiliar; passagem para a obscuridade, recuperação e vitória sobre as forças do mal, realização de um destino, conquista e recompensa.

12 METÁFORAS DOS JOGOS: INSTITUIÇÃO DA POLITICA NOS JORNAIS

Para ilustrar meu argumento, reproduzo neste artigo exemplos de enquadramentos dramáticos encontrados no jornal *O Globo*, pródigo em utilizar metáforas de jogos para relatar os episódios políticos. Concentro-me no complexo episódio político conhecido como Mensalão, quando os exemplos foram fartos. Através de infográficos, as metáforas de jogos representaram (e instituíram) de modo lúdico a complexidade da política. Uma análise sistemática posterior poderá indicar até onde essas metáforas condicionam o resto da cobertura política.

Na edição de 9 de junho de 2005 (Figura 1), início do episódio do Mensalão, *O Globo* traz uma ilustração de um jogo de tabuleiro, cujas casas são datas referentes aos episódios, ilustradas por cartas de baralho onde estão as personagens que vão entrando no enredo da história. A intenção, como diz o título da infografia, é recuperar para o leitor a cronologia da crise política, mas a ilustração produz mais do que uma cronologia: cria associações entre personagens, implica cada uma delas, estabelece envolvimento, remete à idéia da política como um jogo de disputa de interesses. O tabuleiro, cenário pejorativo dos sucessivos eventos da crise, remete a uma narrativa de trapaças, corrupção, denúncias.

ESCÂNDALO DO MENSALÃO: Número de demissões provocadas pelas denúncias é o maior da história recente do PT

Crise já derrubou 40 no PT, governo e estatais

Em dois meses, oito dirigentes partidários renunciaram, José Dirceu foi demitido e Luiz Gushiken foi rebaixado

Ilmar Finlay

« Mensalão. As denúncias de corrupção nas Correios e do pagamento de mesada para deputados votaram a favor do governo em dois lados de um escândalo político que provocou o maior número de demissões na história recente do país. As calças já rolaram no governo, nos partidos e nas estatais. Não período este de dois meses a crise política já mudou a estrutura de oito dirigentes partidários, inclusive dos copresidentes do PT: José Genoino e do PTB Roberto Jefferson. E a demissão de Luiz Inácio Lula de Silva, embora ainda o presidente da Casa Civil José Dirceu, e de empresas estatais.

O cenário levou ainda a proclamação de Luiz Inácio Lula de Silva e Luiz e status de ministro do Governo e Casarão Federalizado Luiz Gushiken, um dos líderes da oposição. Gushiken está sob ataque e deve ser removido pelo CPI das Câmaras sobre os contratos de publicidade do governo, os contratos de publicidade de parcerias em publicidade de seu partido e contratos de engenharia de suas estatais, a Globalpro, e os contratos de publicidade da Casa Civil.

Resposta tímida no início

« Quando a crise começou em 4 de maio, com a divulgação da gravação do pagamento de propina para um funcionário de quatro estatais das Correios, o governo Lula teve uma resposta tímida. Foram afastados de seus cargos apenas três funcionários das Correios e o diretor de Administração, Antonio Carlos Pinheiro, o chefe de Departamento Marcílio Marinho (falsamente cobrando a propina) e o assessor Fernando Godoy. Três dias depois Lula determinou aos ministros da Fazenda, Antonio Palocci, e das Comunicações, Eunício Oliveira, que demitíssem toda a diretoria das Correios e do JCB — onde houve o caso de Roberto Jefferson — e a assessoria de imprensa de corrupção.

— Nos meses de crise, a resposta para marcar uma dimensão — diz o deputado José Eduardo Cardozo (PTSP), integrante do CPI das Correios.

Paes: Prática política é atingida

« Num espaço de dois meses, uma demissão que comprometeu como alvo um esquema de corrupção que teria atingido o montante pelo PTB a partir de contratos em empresas públicas voltadas contra o governo e o PT. A denúncia foi provocada pelas denúncias do presidente licenciado do PTB, deputado Roberto Jefferson (RJ). Voto à tona, então, Marcos Valério Fernandes de Souza, dono das agências de publicidade de S&P&S e DNA Representação, que tem várias contratos no governo e que seria o caso do PTB para pagar mesada a deputados do PT e do PL. A imagem do PT foi para a tona e, de revelação em revelação, sua direção caiu.

— Esta crise é tão profunda que além de atingir o governo, atingiu também a prática política. O que é o partido Jefferson desconhecido os contratos políticos e o aparecimento de Marcos Valério ampliou o tamanho da crise — disse o ex-líder do PTB, deputado Eduardo Paes (RJ), integrante da CCI das Correios.

« **NO GLOBO ONLINE:** Veja a versão política de que governabilidade está comprometida. www.globo.com

As peças que já caíram

NO GOVERNO			
6 de junho HENRIQUE BARROSO DE PINHO E SILMA, delegado regional de Trabalho do Rio, acusado por investigação da PIA, pelo mensalão		16 de junho JOSE DIRCEU demitiu a Casa Civil dois dias depois de a deputada Roberto Jefferson (PTB-RJ) afirmar que ele se sabia do esquema e da transformação de Lula em chefe de gabinete em 26 de agosto '04	29 de junho Sveinberg: Marinho pede comissão de secretários secretários no caso JCB
12 de julho Depoimento com as denúncias sobre mesada para os filhos de paes, LUIZ GUSHIKEN perdeu o status de ministro e Secretário de Comunicação de Governo e da Lei Estratégica, classificando por isso, passou a ser subsecretário chefe da Casa Civil, Silvio Rossetti		13 de julho MATTIO MARCELO, diretor-geral da Agência Brasileira de Inteligência (ABIN), foi demitido após ter enviado e-mail a servidores do Alin chamando o CPI das Correios de "pancada" e caso "integrantes de bastão-firme"	1 de julho O presidente da Fundação Nacional OLENO DUBOIS foi afastado do Conselho de Recursos da Síndica Fiscofiscal Nacional. Foi afastado pela do processo de apuração do caso Marcos Valério
NAS ESTATAIS			
14 de maio MARCÍLIO MARINHO, chefe de departamento das Correios, afastado após a divulgação de gravação em sua casa de uma conversa com o chefe do PTB		16 de maio ANTÔNIO OSÓRIO BASTISTA, diretor de Administração das Correios, e seu assessor Fernando Godoy, são afastados por Lula após serem citados nas denúncias de corrupção na estatal	8 de junho ROBERTO SALGUEIRO, presidente da Diretoria de Marketing do PTB, foi afastado de seu cargo para o partido e posto de afastado
7 de junho João Henrique Marinho de Sousa, presidente das Correios, e outros dirigentes do PTB são convocados por Lula. O presidente e o vice do IRB, LUIZ APOLÔNIO NETO e Manoel Marcos de Araújo, foram demitidos por Lula junto com três diretores		16 de junho Eduardo Madureira de Moraes e Maurício Castro, dois dos diretores das Correios convocados por Lula, foram convocados como consultores no dia 11 e demitidos pelo ministro das Comunicações	30 de junho Três diretores do Financeiro Federal, Rodrigo Barchi e José Roberto Corrêa de Góes — são demitidos por Lula após denúncias de Jefferson de caixa fora na estatal que beneficiava o PT
12 de julho Wesley Nogueira, assessor especial do presidente do Banco de Habitação, demitiu a cargo após gravação de José Roberto com dólares na casa em São Paulo		17 de junho Luiz Roberto, diretor de Comunicação, Fernando Cordeiro, diretor de BR Distribuição, CARLOS COSTA, vice-presidente do Banco de Habitação, demitidos de seus cargos por serem citados na denúncia do PTB Roberto Jefferson	14 de julho Wesley Nogueira, chefe de departamento de Banco de Habitação, foi demitido por suas relações com Marcos Valério
NO PT			
4 de julho SILVIO PEREIRA deixa o cargo de secretário-geral do PT. Foi o primeiro dirigente político afastado no escândalo e CPI. Não terá mais prazo para ser afastado		5 de julho DELIBO SOARES, primeiro vice-presidente do PT, foi afastado por PT e o governo em um processo de compra de votos da legislação, pelo bloqueio de cargo de tesoureiro do PT	4 de julho JOSE GENOINO demitiu o presidente do PT após ter lido e enviado para a imprensa gravação que se tornou pública e em que Marcos Valério e integrantes da assessoria do PT são acusados de prática de corrupção de Lula e Jefferson com US\$ 100 mil de mesada de cada um. Foi a última do esquema
9 de julho MARCELO SERENO, ex-vice da rede de emissoras, também demitiu a cargo de secretário de Comunicação do partido		9 de julho O deputado José Nogueira Soares, filho de Carlos, morreu e seu nome foi usado para votar no Senado de São Paulo. Foi o caso de voto de compra de votos do senador José Nogueira Soares, filho de Carlos, em São Paulo em 2004	12 de julho JOSE HOMEROMANES, líder da bancada do PT no Senado (a Legião do Ceará) foi afastado pelo partido de seu assessor José Luiz Barreto
NOS PARTIDOS			
17 de junho ROBERTO JEFFERSON demitiu o presidente do PTB. Presença de Jefferson em um esquema de mesada da Casa Civil		5 de julho O deputado JOSE BOBBA (PNUB-PI) pediu o afastamento de Luiz Inácio Lula de Silva para um relatório de denúncias do mensalão	

Figura 4 - Representação da política por meio de jogo de xadrez

Três dias depois, na edição de 12 de junho (Figura 2), o jornal volta a organizar a cronologia da crise política em página inteira ilustrada por um tabuleiro de jogo de dados e dominós. As datas estão ordenadas temporalmente como casas de um tabuleiro (o cenário do jogo político), reforçadas por setas que orientam a direção da seqüência para um final: a criação da CPI dos Correios. O caminho que o jogador deve percorrer está intercalado por peças de dominó, ludo e dados, onde aparecem figuras da política e siglas dos partidos. As figuras estão dispostas ao longo do percurso do jogo, como personagens que jogam papéis no jogo político: denúncias, acusações, ameaças, réplicas, desmentidos. Estão dispostas como adversários e aliados no conflito central da crise política.

Na edição de 16 de junho (Figura 3) *O Globo* recorre à metáfora do quebra-cabeça para organizar as “peças que se encaixam” na crise política. Fotos de quatro figuras chaves do episódio (o deputado Roberto Jefferson, os dirigentes do PT José Genoíno e Delúbio Soares e o ministro José Dirceu) ilustram peças. Outras trazem nomes de personagens ou instituições envolvidas, e textos que revelam detalhes do escândalo. Diferente dos anteriores, este infográfico não dispõe as personagens no tempo, mas no espaço, ou cenário da intriga: o esquema (a palavra aparece inúmeras vezes) que forma um emaranhado de ligações espúrias.

Figura 5 - Representação da política por meio de jogo bipolar: o duelo

Na edição de 12 de julho de 2005 (Figura 4), *O Globo* utiliza a metáfora do jogo de xadrez para revelar aos seus leitores as “peças” políticas que já haviam caído. Nesse caso, também, as personagens estão dispostas espacialmente num tabuleiro, cenário espacial de uma contenda. A página é um quadriculado em preto e branco, onde datas e personagens políticas aparecem nas casas de um tabuleiro de xadrez. Inclínadas, as peças do xadrez remetem à imagem de personagens derrubadas pelo pesado jogo da política.

Ao relatar o depoimento de José Dirceu no Conselho de Ética da Câmara dos Deputados, a edição de 03 de agosto *O Globo* traz um exemplo de enquadramento dramático de guerra. Huizinga (1993, p. 101-118) observa que chamar o jogo de guerra ou a guerra de jogo é um hábito tão antigo quanto a própria civilização, porque elementos lúdicos e agonísticos são inerentes a muitos combates (não todos). Dois títulos desta página e da primeira página desta edição trazem a palavra duelo. Texto da primeira página: “No duelo mais esperado da atual crise política...”. Na página 5 (Figura 5), os dois contendores aparecem com olhares e gestos agressivos, como dois combatentes prontos para a guerra. A cada um é dado um espaço igual onde suas declarações são transcritas.

A política é um complexo jogo de poder onde indivíduos estão, ora se aliando, ora se enfrentando, convergindo ou divergindo. As metáforas do jogo são enquadramentos dramáticos que permitem apreender essas complicadas relações e relatá-las ao público de maneira didática. Esses enquadramentos lúdicos são facilmente assimilados pelos leitores, pois fazem parte da cultura do senso comum. Os enquadramentos são, portanto, *frames* compartilhados pelo narrador e destinatário e constituem a estabilidade necessária à situação de comunicação jornalística: demarcam acontecimentos e retornam à cultura, convertendo-se em realidades políticas.

Nos exemplos acima, os enquadramentos dramáticos estão explícitos. Isso não ocorre sempre, entretanto. No corpo do noticiário, esses enquadramentos podem estar implícitos, ser utilizado de maneira sutil. Pode-se encontrá-los em uma única notícia ou dispersos ao longo dos textos de uma cobertura. Nos exemplos que trazemos, eles representam sínteses parciais e demonstram esforços dos editores para organizar para seus leitores as dispersas informações sobre um episódio político complexo. Ilustrados por infográficos, eles organizam as informações, situam as personagens, recuperam e instituem a memória dos acontecimentos. Os jornais impressos estão hoje plenos de infografias, “entenda o caso” e outros recursos reveladores das associações que os

editores querem estabelecer ou determinar. Eles fazem isso naturalmente, sem cansar o leitor. O lúdico é cultural, é pedagógico sem parecer persuasivo. Ao estabelecer essas associações e determinações, os editores ficcionalizam naturalmente seu material, organizando as informações em ordens narrativas que criam heróis e vilões; que remetem a valores do bem e do mal, etc., e que instituem realidades verdadeiras.

13 CONSIDERAÇÕES FINAIS: RAZÃO / EMOÇÃO, OBJETIVIDADE/SUBJETIVIDADE

No jornalismo, enquadramentos dramáticos repassam a idéia de associação entre personagens (em posições antagônicas ou não). Nesses enquadramentos há uma busca de unidade inteligível. Do caos à ordem. Mesmo quando há combates, o enquadramento dramático apresenta partes em relação umas com as outras: relaciona-as para compreender e assim institui a política. Isso está relacionado à idéia da narrativa enquanto encadeamento, mas também ao conflito como elemento estruturador da narrativa e da política: ações e seqüências sucessivamente narradas, tecendo histórias em desenvolvimento.

As disputas políticas representadas em metáforas de jogos tornam-se pedagógicas sem serem didáticas: ensinam naturalmente, instituindo diferenças e semelhanças. As representações de disputas, relatos do ciclo do herói, etc. fazem parte do senso comum, estão relacionadas à cultura, às forças da vida e batalhas pelo poder. Guerras e combates envolvem, representam a opressão e a libertação. Renovam indivíduos e sociedades, seja nas vitórias ou derrotas. Polarizadas em jogos, as disputas pelo poder tornam-se metáforas da vida. O guerreiro vencedor simboliza a destreza, a astúcia, a perfeição. O derrotado, o fracasso. Jogos, dizem Chevalier e Gheerbrant (1990), consciente ou inconscientemente, são diálogos do homem com o invisível.

Uma advertência importante. Interpretar a cobertura política a partir de enquadramentos narrativos é gratificante, mas abre também uma infinidade de problemas conceituais e epistemológicos. A mimese jornalística está organizada a partir de uma decisiva demanda referencial e uma linguagem racional: remete a um conhecimento objetivo. Relacioná-la as metáforas e alegorias é um risco, pois nem sempre estão claros os limites entre o objetivo e o subjetivo. Na linguagem objetiva do jornalismo, as ressonâncias simbólicas são frágeis e fugidias; tendem a esvaziar os símbolos e, no limite, remeter a alegorias. Quando utilizamos enquadramentos dramáticos para analisar as formas jornalísticas de construção da realidade estamos talvez falando em metáforas, analogias ou alegorias mais que em símbolos.⁶

Seja como for, os enquadramentos dramáticos ou narrativos sugerem uma tensão entre o objetivo e o subjetivo na comunicação jornalística. Essa tensão torna a

análise mais desafiadora. A racionalidade e a referencialidade da linguagem jornalística não a eximem de certo nível de simbolismo: a representação objetiva do real não é, nem será nunca, o real; estará sempre mais ou menos sujeita a contaminações do imaginário. A matéria-prima do jornalismo são os dramas, as tragédias e os conflitos do cotidiano. Ao tentar relatá-los objetivamente, a expressão jornalística torna-se contraditória, tende para o racional, mas não escapa do ficcional. Quer ser o espelho fiel da realidade, mas não consegue liberar-se das determinações culturais e simbólicas.

ABSTRACT

Frames are not originally produced by journalists, but collected by them in human experience and culture. Common to both narrator and readers, they serve to organizing the complex reality and to stabilize the “communication situation”. Political journalism tends to use games dramatic frames (narrative frames) deep rooted in society imagination because they fit adequately to political conflicts and are easily recognized. Dramatic frames are bipolar, establish or amplify verbal hostility typical of political disputes.

Keywords: Framing. Journalism. Politics.

RESUMEN

Enquadramientos no son producidos por los periodistas sino recolectados por ellos de la experiencia y la cultura humanas. Compartidos por el narrador y los lectores, sirven para organizar la compleja realidad y estabilizar la “situación de comunicación”. El periodismo político inclinase a utilizar encuadramientos dramaticos (narrativos) y ludicos (metaforas de juegos) arraigados en lo imaginario de la sociedad porque ellos enmarcan los conflictos políticos y son facilmente reconocidos. Los encuadramientos dramaticos son bipolares, instituyen o amplifican hostilidades verbales del juego politico.

Palabras claves: Encuadramientos. Periodismo. Política.

REFERÊNCIAS

BERNE, Eric. **Qué dices usted despues de decir Holá**. Barcelona: Grijalbo1974.

BRUNER, Jerome. **Actos de significado** - más allá de la revolución cognitiva. Madrid: Alianza, 1990.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1990.

COLLING, Leandro. **Agendamento, enquadramento e silêncio nas eleições presidenciais de 1998**. 2000. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia.

- CREMA, Roberto. **Análise Transaccional centrada na pessoa e mais além**. São Paulo: Agora, 1985.
- ENTMAN, Robert M. **Framing News, public opinion and US foreign policy**. Chicago: University of Chicago Press, 2004.
- GERGEN, Kenneth J. **Realidades y relaciones**. Barcelona: Paidós, 1996.
- GOFFMAN, Erwin. **Frame analysis - an essay on the organization of experience**. Cambridge: Harvard University Press, 1974.
- HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- LONDON, Scott. **How the media frames political issues**. 2005. Disponível em: <www.scottlondon.com/reports/frames/html >
- MENDES, João Maria. **Por quê tantas histórias**. Coimbra: Minerva, 2001.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: LAGO, C.; BENETTI, M. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007. P.143-167.
- _____. **Narratologia, teoria e análise da narrativa jornalística**. Brasília, Casa das Musas, 2005.
- _____. 2002. **Para uma antropologia da notícia**, Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, Vol. XXV, No. 2, Julho/Dezembro, pág. 11 a 41.
- OLIVEIRA, Ana C. M. A. A dupla expressão da identidade do jornal. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DA PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 15, 2006, Bauru, SP. **Anais....** Bauru, 2006. GT Produção de Sentido nas Mídias. 1 CD-ROM.
- PRADO, C. G., **Making believe - philosophical reflections on fiction**. Westport-London: Greenwood Press, 1985.
- REIS, Carlos; LOPES, Ana C. M. **Dicionário de teoria da narrativa**. São Paulo: Ática, 1988.
- RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tomo I. São Paulo: Papirus, 1994.
- THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade - uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- TUCHMAN, Gaye. Contando histórias. In: TRAQUINA, N. **Jornalismo - questões, teorias e "estórias"**. Lisboa: Vega, 1993.
- WOLF, Mauro. **Sociologias de la vida cotidiana**. Madrid: Cátedra, 2000.

¹ Questões a respeito do olhar do narrador sobre a realidade, correlatas às teorias do enquadramento, têm sido discutidas há tempos na teoria literária, onde aparecem com os nomes de foco narrativo, pontos de vista, perspectiva, termos alternativamente utilizados para responder às perguntas: quem narra, como narra? E, principalmente, de que ângulo se narra? Consolida-se nessas teorias a expressão foco narrativo, mas a teoria literária não tem formulações definitivas sobre o foco narrativo. Reis e Lopes (1988, p. 146-147) são dos poucos autores que permitem avançar, porque definem o foco narrativo como “a representação da informação diegética que se encontra ao alcance de um determinado campo de consciência”. Conseqüentemente, dizem eles, a focalização regula a quantidade (eventos, personagens, etc.) e a qualidade (posição afetiva, moral, ideológica) da informação enunciada e condiciona a imagem

da história projetada.

² Segundo Wolff (2000, p.40), Goffman tomou o termo do psicólogo G. Bateson, que fala em marcos psicológicos e premissas necessárias para decifrar e dar um sentido ao fluxo dos acontecimentos.

³ Documento eletrônico.

⁴ Para a Análise Transacional, a descrição do mundo condiciona, através de diálogos internos, os hábitos de vida, expressões comportamentais do script. Nesse sentido, o script é uma interpretação tendenciosa na medida em que é imposta pelos pais, avós, etc., sobre a liberdade do indivíduo. Ao analista transacional, cabe intervir para libertar o sujeito do seu script tendencioso.

⁵ Discípulo de R. Rorty, C. G. Prado é radical em suas afirmações. Para ele, a história não contém a resposta, é a resposta. A resposta não pode ser traduzida para uma forma factual porque a resposta é a forma narrativa. A forma narrativa pura e simplesmente é a *apresentação* de um fenômeno. A forma não pode ser separada do conteúdo porque a forma narrativa, ao estruturar um acontecimento, é ela própria conteúdo no sentido em que tal acontecimento é idêntico a essa estrutura. (PRADO *apud* MENDES, 2001, p. 190).

⁶ A alegoria é uma operação racional que não implica passagem a uma nova profundidade de consciência; é a figuração, em um mesmo nível de consciência, daquilo que já pode ser bem conhecido de uma outra maneira. Essas formas de expressão são signos que contêm imagens e possuem em comum o fato de não ultrapassarem o nível da significação, não saem dos limites da representação. No máximo, são símbolos arrefecidos. O símbolo anuncia um novo plano de consciência, que não o da evidência racional; supõe uma ruptura de planos, uma descontinuidade, uma passagem a uma outra ordem. (JEAN CHEVALIER E ALAIN GHEERBRANT, 1990, p. xvii a xx).